da "Geração 80", buscando constantemente novas formas de representação, criando um diálogo produtivo entre a pintura, o desenho, a escultura e a mídia impressa.

O trabalho com Arte Contemporânea na escola permite uma troca de experiência entre a razão e a sensibilidade, que produz diversas contribuições para o processo educacional. Entre elas, salienta-se as possibilidades de leitura do objeto artístico e estratégias, que poderiam ser organizadas em sala de aula a partir de uma abordagem discursiva, permitindo que o aluno desenvolva um olhar mais crítico, capaz de perceber o mundo à sua volta e identifique valores estéticos, culturais, econômicos, sociais, políticos, existentes nas produções artísticas, que o tornem sensível às questões atuais e capaz de se expressar através de uma das linguagens artísticas.

Assim sendo, a Arte Contemporânea pode ser uma ponte que ajuda o educador a levar o aluno do concreto ao abstrato. Na Arte Contemporânea são propostos novos suportes, a obra coloca-se no mundo, fica de frente com o espectador, que ao interagir constrói uma extensão de seu próprio corpo e de inúmeras possibilidades no seu ser e estar, aqui e agora.

Por fim, espera-se ter colaborado para um maior reconhecimento no futuro da obra de Leda Catunda, a importante artística plástica brasileira, por parte do público em geral, mas, sobretudo, pelos estudantes e profissionais das Artes Visuais, haja visa sua relevância para o cenário artístico do país. Além de tornar evidente a importância do trabalho com arte contemporânea no processo educativo como uma perspectiva de desenvolvimento do olhar sensível, crítico e estético do espectador com relação à obra artística e às questões temáticas pertencentes ao atual contexto.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é contemporâneo? Chapecó-SC: Argos, 2009.

ARCHER, M. Arte Contemporânea, uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARBOSA, A. M. (Org.). Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais - ARTE. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BUORO, A. B. Olhos que Pintam; a leitura da imagem e o ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.

CATUNDA, L. Poética da Maciez: pinturas e objetos. Memorial descritivo da obra plástica autoral. USP/ECA, São Paulo, 2002.

CHIARELI, T. Leda Catunda. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.

COSTA, C. T. Arte no Brasil 1950-2000. Movimentos e meios. São Paulo: Alameda, 2004.

DEMPSEY, A. Estilos, escolas e Movimentos. Guia enciclopédico da arte moderna. São Paulo: Cosac&Naify, 2002.

FARIAS, A. Arte brasileira hoje. São Paulo: Publifolha, 2002.

FAVARETTO, C. A invenção de Hélio Oiticica. São Paulo: Edusp, 1994.

HOMERO. Odisseia. Trad. Carlos Alberto Nunes; rev. Marcus Rei Pinheiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

LOUZADA, J. Artes plásticas Brasil 1985: seu mercado, seus leilões. Prefácio Pietro Maria Bardi; Mino Carta. São Paulo: J. Louzada, 1994.

MILLET, C. A Arte Contemporânea. Lisboa: Flammarion, 2001.

PIMENTEL, L. G. Metodologias do Ensino de Artes Visuais. In: PIMENTEL, L. G.; GOUTHIER, J. (org). Curso de especialização em ensino de artes visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.

PONTUAL, R. Entre Dois Séculos: Arte Brasileira do Século XX na Coleção Gilberto Chateaubriand. Rio de Janeiro: JB, 1987.

RIBEIRO, J. A. Leda Catunda. Review. Art Nexus, nº. 75, vol. 8, 2009.

A IMPORTÂNCIA DE OUVIR HISTÓRIA E O IMAGINÁRIO INFANTIL

DENISE MARIA CAETANO DA CONCEIÇÃO

RESUMO

Sabemos, com todos os pontos e vírgulas, que contar histórias é extremamente importante e benéfico para as crianças. Há quem afirme a eficácia de embalar os bebês, ainda no ventre, com a melodia da voz da mãe, contando histórias, para familiarizar a criança desde aí, com os mecanismos narrativos, e com a proximidade e o afeto que o contar histórias envolve. Mas, além disso, sabemos que a história narrada, por escrito ou oralmente, nos permite também aquisições em diversos níveis. Isto é: contar histórias para as crianças permite conquistas, no

mínimo, nos planos psicológico, pedagógico, histórico, social, cultural e estético. No mundo de hoje a mídia está substituindo, cada vez mais, o diálogo nas famílias e diminuindo as oportunidades de desenvolvimento da imaginação infantil. O meio mais importante para atingir esse objetivo é a contação de histórias e a leitura, conduzidas num ambiente agradável para a criança. Contar ou ler histórias requer um certo preparo, que vai desde a escolha do texto até a sua apresentação.

Palavras Chave: Imaginação, infantil, história, contação.

ABSTRACT

We know, with all the semicolons, that storytelling is extremely important and beneficial for children. There are those who claim the effectiveness of rocking babies, still in the womb, with the melody of the mother's voice, telling stories, to familiarize the child from then on, with the narrative mechanisms, and with the closeness and affection that storytelling involves. But, in addition, we know that the story narrated, in writing or orally, also allows us to acquire at different levels. In other words, telling stories to children allows for achievements, at least on the psychological, pedagogical, historical, social, cultural and aesthetic levels. In today's world, the media is increasingly replacing dialogue in families and diminishing the opportunities for developing children's imaginations. The most important means to achieve this goal is storytelling and reading, conducted in a pleasant environment for the child. Telling or reading stories requires a certain amount of preparation, which goes from choosing the text to its presentation.

Keywords: Imagination, children, history, storytelling.

INTRODUÇÃO

Ouvir histórias é fator indispensável na vida da criança, visto ser elas essenciais na alfabetização e no gosto pela leitura, levando os alunos a desenvolverem o seu lado cognitivo de forma espontânea e prazerosa. Em termos de linguagem, a criação e a descoberta não ocorrem no vazio. A criança precisa dominar convenções linguísticas, que lhes serão oferecidas através do contato com diferentes modelos contextualizando a língua escrita através de seus usos, antes mesmo de se tornarem efetivamente capazes de ler e escrever. Assim, as crianças que nascem em ambientes letrados, cedo desenvolvem um interesse pela leitura e escrita, espelhando-se nos adultos ao seu redor. É muito difícil uma criança não se interessar por ouvir histórias e não demonstrar interesse lúdico pelas palavras. Dessa forma, o contar histórias para as crianças torna-se fator indispensável na formação do hábito e gosto pela leitura. Vivemos um período muito interessante na história. Nunca tanta informação e tanta comunicação chegaram aos nossos lares, nossas escolas e aos nossos locais de trabalho e lazer. Os atuais meios de comunicação e informação como TV, internet, revistas, jornais e vídeos prendem a atenção de grandes e pequenos. Crianças e adultos buscam e recebem as informações e os divertimentos, que a moderna tecnologia coloca ao alcance de todos, sem que para isso precisem envolver-se com os outros. A agitada vida profissional de nossa época faz com que no fim do dia todos estejam tão cansados que somente querem relaxar. O diálogo em família corre o risco de desaparecer, porque aquilo que os meios de comunicação oferecem parece mais interessante e não obriga ninguém a tomar posição. Num passado já mais distante, havia espaço e tempo no seio da família para compartilhar as experiências e as vivências do dia a dia. Havia disposição para ouvir, falar e para compartilhar. Em muitas famílias, após o jantar, todos se agrupavam ao redor do avô ou da avó, do pai ou da mãe, para ouvi-los falar sobre a história da família – e muitos tinham em seu meio um contador de estórias e histórias. Nessas horas um estava perto do outro, sentia o outro, afeto e carinho floresciam.

Os modernos meios de comunicação sabem contar e apresentar as velhas histórias, acompanhadas de som e imagem, de uma maneira tão bonita e fascinante, que os velhos contadores de histórias não se arriscam mais a abrir a boca. A história vem tão completa que não se precisa pedir alguma informação a mais, nem mesmo é necessário usar a imaginação. Ao ouvir uma história, as crianças (e o leitor em geral) vivenciam, no plano psicológico as ações, os problemas, os conflitos dessa história. Essa vivência, por empréstimo, a experimentação de modelos de ações e soluções apresentadas na história fazem aumentar consideravelmente o repertório de conhecimento da criança, sobre si e sobre o mundo. E tudo isso ajuda a formar a personalidade! Ao fazer contato com a obra de arte, no caso, a literatura, a criança participam de uma ação pedagógica, mesmo que não seja essa a função da narração oral ou do texto literário. A sujeição à experiência artística educa, em sentido amplo. No mínimo educa para a escuta coletiva, para as regras de convivência social, para a percepção da igualdade ou da diferença, para os mecanismos da comunicação linguística, para o reconhecimento e uso da emoção, para a diversidade estética, para a constatação dos usos do tempo e do espaço. As histórias narradas oralmente proporcionam às crianças uma visão epocal (ainda que de uma forma esboçada), seja do seu tempo, seja de outros tempos. O recorte oferecido pela história delineia sempre uma época, um conjunto de costumes, comportamentos, vivências, códigos de ações, uma ética, que acabam fazendo do texto esse complexo histórico. E se as histórias forem ainda contos populares, há a possibilidade de revela-

rem uma sabedoria ancestral e a tradição dos povos, com temáticas de caráter universal e neste caso, apagando (borrando ou tornando elástica) a linha do tempo, pela potencialização de questões que são de ontem e hoje, de todo e qualquer tempo! Tanto a leitura como a narração oral, fazem o ouvinte experimentar o papel de coautor. E ainda mais, são também ampliadoras do repertório cultural, que é sempre cumulativo: quanto mais histórias uma criança ouve, quanto maior o convívio orgânico com as artes - convívio ativo, que engloba o contemplar e o fazer-, maior será a dimensão cultural vislumbrada pela criança. Por tudo isso, pode-se dizer: as crianças que têm contato com as histórias desenvolvem mais a imaginação, a criatividade e a capacidade de discernimento e crítica; na medida em que se tornam ouvintes e leitores críticos, as crianças assumem o protagonismo de suas próprias vidas. O que começou, lá no passado com o objetivo de apontar padrões sociais aceitáveis - "instruir mais que divertir" foi sempre o objetivo dos textos direcionados às crianças - pode, gradualmente, se tornar também um saudável exercício de cidadania, se proporcionar a discussão, a contestação e a relativização das ideias. Essa dimensão nunca pode ser ignorada pelo professor que usa as histórias em seu trabalho na sala de aula. Isso tudo somado à experiência estética que a narração oral proporciona é mais do que suficiente para os livros estética que a narração oral proporciona é mais do que suficiente para os livros se tornarem companheiros inseparáveis das crianças no processo de aprendizagem e aquisição do gosto pela leitura. Mas o grande salto só ocorrerá, se o narrador souber transformar a narração oral numa experiência artística de alto nível. Para isso, concorrem a qualidade do narrador (que deve ser um grande leitor!), a sua preparação (prévia) como contador de histórias e sua habilidade em escolher obras que reúnam comprovadas qualidades literárias. Aqui somos confrontados com outro grave problema: a capacidade imaginativa diminui. A história apresentada na TV ou em vídeo vem tão completa que não é necessário criar imagens e usar a fantasia para entendê-la. Além disso, nesses programas o diálogo com o interlocutor é reduzido a zero. Ao espectador e ouvinte cabe olhar e escutar em silêncio – e aí se alguém ousa falar ou fazer uma pergunta. Diante desta realidade cabe perguntar: o que nós pais e educadores estamos fazendo para resgatar o gosto pelo imaginário nas crianças? O que estamos fazendo para ajudar nossas crianças a expressarem seus pensamentos e sentimentos e gostarem de conviver com os colegas e os membros da família? O que estamos fazendo para evitar que as crianças se tornem pessoas "ensimesmadas", isto é, estejam centradas, quase que exclusivamente, em suas próprias questões? A dura realidade de nossa época mostra que dia após dia aumenta o número de crianças que veem os pais cada vez menos e passam a maior parte do tempo sozinhas. Razões econômicas e sociais forçam esta realidade. Por isso, é de suma importância que pais e professores batalhem pelo resgate do lúdico, do gosto pela expressão oral/corporal, do gosto pela leitura, pelo desenvolvimento dos sentidos e sentimentos.

DESENVOLVIMENTO

Tão antigo como a humanidade é o ato de contar histórias. As narrativas exercem fascínio e sedução da infância a velhice. Se pensarmos na distância entre o tempo ultramoderno e os tempos primitivos, podemos nos perguntar por que tais histórias tão antigas continuam a interessar crianças e adultos. Por que o destino da "Gata Borralheira" ou "Cinderela", ou o da "Branca de Neve", da "Bela Adormecida", da "Bela e a Fera" continuam a interessar? Que importância pode ter para os leitores de hoje as tristezas do "Patinho Feio" e sua lenta transformação em cisne? Ou a desobediência da "Chapeuzinho Vermelho", que vai levar bolo para a avó e escolhe o perigoso caminho da floresta invés da estrada reta e clara e assim atrai o lobo que acaba devorando-a e a avó? Tais interrogações podem ser respondidas lembrandose que tais "lições de vida" dadas pela sabedoria dos povos desde os primórdios vêm constituindo a humanidade em contínua evolução. Por mais que o homem transforme o mundo com sua inteligência e trabalho, sua natureza humana não muda. Nela se misturam amor, ódio, amizades, medo, vontade de poder, ideais, desejos, inveja, ciúmes, solidariedade, fraternidade (paixões da alma) e o ar para respirar, alimento para matar a fome e proteção para o corpo (necessidades básicas). Tanto as "paixões" quanto as "necessidades básicas" são matérias-primas das histórias e de todos os livros que venceram o tempo e através de milênios continuam a interessar os leitores e ouvintes. No nosso mundo dinamizado pelas multilinguagens visuais, sonoras e velozes, a leitura da palavra faz-se cada vez mais necessária para que as novas gerações não se imobilizem como "gerações sem palavras". Gerações sem consciência de si mesmas, histórica e crítica. A ausência de autoconsciência torna o indivíduo sem autonomia interior. Um dos caminhos para essa autoconscientização é a leitura: é o corpo a corpo do ouvinte com as experiências de vida do outro, que a literatura lhe oferece. Tudo isso precisa começar quando a criança passa a perceber o mundo à sua volta, um dos meios que os adultos podem usar são os contos de fadas. De maneira inconsciente e divertida, a criança entra em contato com a sabedoria humana que vem da origem dos tempos e foi guardada pela memória dos povos e transmitida pelo "contar histórias". Desse fenômeno tiramos uma lição: o "contar histórias", mais que entretenimento prazeroso, é uma experiência vital, é um exercício de viver. Como existe o código genético fisiológico (DNA), pelo qual a natureza "programa" cada ser humano, também deve existir um "código espiritual" que, desde

os primórdios "programa a alma da humanidade". Nos clássicos, contos de fada e fábulas é essa "alma da humanidade" que nos fala. As grandezas e as misérias do ser humano estão ali transformadas em narrativas mágicas que seduzem e convencem porque, de maneira inconsciente, tocam o leitor em suas aspirações vitais mais profundas e muitas vezes, inconscientes. Assim, por exemplo, em "Branca de Neve", na trama criada entre a rainha madrasta, a Branca de Neve e os sete anões entram em confronto a inveja ou o ciúme que a beleza e a bondade podem despertar; valorizam-se a paciência diante de um destino adverso e a busca de outros caminhos para fugir dele; exalta-se a solidariedade a ser dada a quem necessita; recompensase a virtude e castiga-se o mal; exalta-se o poder regenerador dos maus. São experiências humanas que o imaginário do leitor vivencia de maneira inconsciente e, com elas, seu mundo vai-se enriquecendo. Nas "transformações" que são comuns aos contos de fadas (a do "Patinho Feio" em cisne; do sapo ou da Fera em príncipe etc.) estão claras as transformações que o ser humano precisa passar da infância a maturidade para se realizar em plenitude quando persegue um ideal de vida. Há um perfeito paralelo entre as histórias contadas e a vida humana, quando a entendemos como uma caminhada, em busca da autorrealização. Nesse caminho surgem obstáculos, inimigos, maldades, bruxas, madrastas etc., mas também auxílios, amigos, fadas, anões e o final é sempre feliz: a realização do ideal. Todos nós para nos realizarmos precisamos ter um projeto de vida; entregamo-nos à "caminhada" para realizá-lo, encontramos "obstáculos" que precisam ser superados por nossa paciência, esforço e por fim, a realização: o "final feliz". O ser humano veio para "dar certo". Quando não dá é porque algo não foi bem no mundo à sua volta. Ao ouvirem ou lerem tais contos as crianças, mesmo sem o saber, estão formando as leituras de mundo que as ajudarão nos caminhos a serem trilhados na vida. Em cada uma dessas histórias maravilhosas, há uma verdade vital. O sucesso dos contos de fadas e clássicos infantis se dá pelo fato de que sua matéria-prima é extraída de verdades humanas e, portanto, não envelhece. É fundamentada em necessidades humanas: o fundo impulso de autorrealização do indivíduo; o desejo do eu de ser aceito pelo outro; a vontade de poder; a luta pela preservação física. Necessidades que uma vez frustradas geram tragédias. Para além do prazer e das emoções do leitor, ao participar de tais aventuras, lhe dá grandes lições de sabedoria e de vida. É preciso descobrir que os contos de fadas têm na base a vida real e que a literatura infantil não é "infantil", como o senso comum (distraído) a considera. É acima de tudo um excelente meio de educação a ser explorado.

Tudo o que acontece ao nosso redor, desde a nossa primeira infância, fica registrado em nosso inconsciente. Isto significa que tudo aquilo que vemos, ouvimos e sentimos influi no nosso desenvolvimento e amadurecimento. Desde a época remota, o ser humano ao desenvolver a linguagem, transmite de geração em geração suas histórias, seus causos e por meio deles, seus mitos e ensinamentos. Assim, a criança que ouve histórias desde pequena adquire muito cedo o gosto pela leitura. O essencial que os pequenos sejam motivados a contar histórias antes mesmo que aprendam a ler. Gostar de histórias é um hábito que deve ser estimulado desde cedo. A partir de 2 anos, a criança já tem condições de acompanhar enredos e, estimulada por eles, dar asas à própria imaginação. As histórias podem ser contadas por pais, irmãos, avós ou professores e são, sem dúvida, uma via de mão dupla, fazem bem a quem ouve e a quem conta. O exercício de contar histórias possibilita debater importantes aspectos do dia a dia. Também é uma forma de ensinar temas éticos e de cidadania, além de propiciar um mundo imaginário que encanta. A criança necessita ouvir histórias para desenvolver sua imaginação, observação, e a linguagem oral e escrita, assim como o prazer pela arte, a habilidade de dar lógica aos acontecimentos e estimular o interesse pela leitura. Partindo deste pressuposto, quanto mais cedo a criança tiver contatos com livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior é a probabilidade de nela nascer de maneira espontânea, o amor aos livros. Desde muito cedo, a criança gosta de ouvir a história de sua vida, a mais importante para ela. Da reunião de histórias do passado, a criança constrói o quadro dela mesma no presente. No entanto, é necessário sublinhar: os livros devem ser introduzidos na vida da criança de acordo com o seu nível de compreensão do mundo, de seu nível de elaboração de pensamento e sua experiência anterior. Isso significa que o livro ideal para a criança é aquele em que ela encontra tanto elementos que ela já reconhece, como alguns elementos novos, a partir dos quais ela possa alargar seus horizontes e enriquecer sua experiência de vida. Além disso, é fundamental que o livro venha sempre associado a momentos de prazer. Para os bebês o livrinho de plástico na hora do banho, com o qual ela pode bater na água e vê-la respingar, é muito prazeroso. Para crianças já um pouco maiores, nada é mais aconchegante que uma historinha bem contada, na hora de dormir. Se os pais tivessem consciência da importância de contar uma história ao pé da cama para seus filhos pequenos, certamente teríamos uma adolescência menos traumatizada. As vozes do pai ou da mãe chegam aos ouvidos dos pequenos carregadas de afetividade. Desta afetividade, que se expressa na voz, no olhar, no carinho e no aconchego, a criança precisa para minimizar os conflitos que a acompanham em seu crescimento. Sublinhamos, a fantasia e a magia de uma história encantam e despertam as imaginações da criança e, com isso, criam condições favoráveis para o desenvolvimento de uma mente criativa e inventiva. Para despertar o amor e o interesse duma criança por

livros, é de suma importância que ela veja e sinta que o livro motiva diálogo, traz prazer e estimula a comunhão e a afetividade. A presença de livros e o hábito de leitura na família parecem ser condições ambientais favoráveis como se a leitura fosse transmitida por contágio. O ato de contar uma história, além de ser uma atividade lúdica, amplia a imaginação e ajuda a criança a organizar sua fala, por meio da coerência e da realidade. O ver, sentir e ouvir fazem da atividade uma experiência de interação que aproxima os sujeitos envolvidos. Os contos enriquecem nosso espírito e iluminam nosso interior, tornando os pequenos mais flexíveis para aceitar diferenças. Com a fala enriquecida por um vocabulário ampliado, os baixinhos são estimulados a participar de diferentes situações e acabam arriscando suas primeiras opiniões. Ouvilos após a história gera acolhimento e receptividade ao que eles têm a dizer, e os ajuda a reconhecer a própria existência, a construir bases afetivas sólidas e a interagir com as pessoas a quem estão aprendendo a amar. Contar histórias é uma arte. Muitas pessoas têm um dom especial para esta tarefa. Mas isso não significa que pessoas sem esse dom excepcional não possam tornar-se bons contadores de histórias. Com algum treinamento e alguns recursos práticos qualquer pessoa é capaz de transmitir com segurança e entusiasmo o conteúdo de uma história para pequenos. Portanto, contar histórias é uma excelente oportunidade para aproveitar bem os bons momentos com a criança. Estar atento ao que dizem, mostrar entusiasmo, curiosidade e esticar a conversa com perguntas que os estimulem a exercitar a linguagem e a criatividade são fundamentais.

A contação de histórias é uma atividade fundamental que transmite conhecimentos e valores, sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do psiquismo humano. Gerações e gerações de professores, psicólogos, psicanalistas, como também orientadores educacionais, pedagogos e artistas discutem a adequação e validades dessas narrativas para as crianças. Por se tratar de um mecanismo parecido com o brincar é que o fato de contar histórias tem ganhado espaço nos estudos da Psicologia. As histórias são instrumentos poderosos que podem ser utilizados na clínica infantil. Os contos de fadas são as únicas histórias que de maneira simples e simbólica falam das perdas, da fome, da morte, do medo, do abandono, da violência... Eles têm suas bases nas camadas do inconsciente coletivo, em sentimentos comuns a toda a humanidade, por isso encontramos histórias bastante parecidas em diversas culturas pelo globo e em épocas diversas.

Como é reforçado por Abramovich (2003, p. 24):

Ouvir histórias é um momento de gostosura, de prazer de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução [...]. Ela é(ou pode ser) ampliadora de referenciais, postura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a serem resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca [...] (desde que seja uma boa história)

Os contos de fadas possuem um fundo arquetípico, sentimentos complexos organizados de um modo fácil de entender especialmente pelas crianças, mostram que é natural ter pensamentos destrutivos e maus, que não se é essencialmente construtivo e bom e que é preciso ordenar os sentimentos e as tendências contraditórias. As histórias são acontecimentos da realidade externa, fatos da comunidade de acordo com a cultura, etnia, mas as histórias falam da realidade interior na construção das nossas culturas, das estruturas psicológicas das pessoas e dos grupos humanos. São arcaicos, mas também são atuais, atraentes e investigadores, porque mostram o que se evita manifestar nas sociedades contemporâneas: raiva, inveja, mentira, também felicidade, amor, generosidade.

Segundo Coelho, (2002 p. 12):

A história infantil mantém o mundo mágico que tem na criança há quem conte histórias para destacar mensagens, repassar conhecimento, fazer obedecer até fazer uma espécie de intimidação se não bagunçar, conto uma história. “se isso” “se aquilo” quando contrário que funciona

Os contos tratam de princípios éticos universais, falam da busca da totalidade psíquica, da plenitude do ser. Sabendo que os contos antecedem a leitura, pois são usados no cotidiano das crianças pela família desenvolvendo seu imaginário, eles muito têm a contribuir para desenvolver o gosto pela leitura e para a resolução dos conflitos internos infantis. Ouvir história é recuperar a herança do homem, seus medos, descobertas e desejos. As crianças sabem muito bem o que é essa herança no turbilhão de sentimentos que vivenciam, é onde entra a figura do professor contador de histórias como mediador deste processo de aprendizagem de lidar com as emoções. Para a criança muitos de seus sentimentos são tão confusos, perturbadores e dolorosos que é difícil administrá-los, trazendo assim infelicidade. Essa energia emocional fica represada e acaba vazando na forma de sintomas físicos, neuróticos ou comportamentais, como crueldade, comportamento agressivo, dificuldade de aprendizado, falta de concentração, hiperatividade, obsessões, ansiedade. Apesar das crianças precisarem de ajuda para lidar com seus sentimentos estas não conseguem falar com naturalidade e facilidade sobre seus problemas, isto porque não estão habituadas à linguagem cotidiana, para elas esta não é a linguagem do sentimento, elas se expressam melhor através da metáfora, da imagem como em histórias e sonhos. A comunicação por meio da narração de histó-

rias fala as crianças mais profundamente do que a linguagem literal, a linguagem do pensamento; dramatizar com bonecos ou fantoches, representando aquilo que se quer dizer através do desenho ou pintura é fazer uso da linguagem imaginativa, essa é naturalmente a linguagem infantil. Deve-se estar atento quando uma criança pede para que se repita determinada história, não negando a ela esse direito. Essa determinada história provavelmente trata de questões com as quais a criança está lidando, e enquanto não se esgotar esse conflito, a criança irá procurar outra vez a mesma história para alcançar através dela o seu final feliz. Mas não é o adulto que deve tentar achar a história adequada para cada criança, pois só ela mesma é capaz de realizar a identificação do enredo com os seus conflitos. Nas histórias, o mal está tão presente quanto o bem, existem inúmeros obstáculos a serem vencidos, aparecendo escolhas de solução que permitem que a vitória aconteça. Todos esses aspectos fazem parte da vida psíquica da criança, formalizando o processo de identificação. Àquele herói que luta e vence mostra a possibilidade de não desistir diante dos problemas da vida real e ter forças para superar todos os desafios. Os seres que figuram o mal significam o aspecto instintivo do homem e, ao serem subjugados, criam a possibilidade de equilíbrio entre a natureza animal, instintiva e a humana. As narrativas em sala de aula são ótimas ferramentas para o desenvolvimento da subjetividade das crianças, o conto permite que esta experiente emoções, vivência em suas fantasias, sem que precise passar pelas mesmas situações na realidade, além disso, a história oferece a criança uma nova forma de pensar sobre seus sentimentos dolorosos ou intensos demais. Essa proposta deveria ser um trabalho sistematizado e permanente nas escolas e os professores, orientadores, psicólogos e artistas precisariam ter um desenvolvimento pessoal e uma intimidade com seus próprios inconscientes, para poder favorecer (ou pelo menos, não atrapalhar) o encontro das crianças com seu mundo interno.

Durante os primeiros anos de vida da criança, são construídas e desenvolvidas maneiras particulares de ser e esquemas de relações com o mundo e com as pessoas. Elas vão construindo suas matrizes de relações a partir de sua interação com o meio, com isso o seu comportamento emocional, individualização do próprio corpo, formação da consciência de si, são processos paralelos e complementares do desenvolvimento da criança e é nesta fase que prevalecem os critérios afetivos sobre os lógicos e objetivos. A criança ao ouvir uma história, dependendo da forma que ela é contada e por quem é contada, pode causar a ela reviravoltas de saberes e ideias, elas passam a se interessar melhor por um mundo de criações onde tudo se pode. Através de uma boa história os pequenos são capazes de desempenhar capacidades incríveis, buscando cada vez mais seu conhecimento, estimulando sua curiosidade, assim desejando ouvir seus pais, avós e professores, deseja também ler livros, escrever, e até mesmo contar sua própria história, de forma que sua motivação para ir à escola e fazer suas tarefas se torna mais aflorada e eficaz a cada dia. Uma criança ao ouvir contos de fadas, transforma a pedra em cada uma das palavras que lhe são contadas, trazendo lembranças, sonhos, desejos, personagens, dúvidas, medos e associações. Quando a criança entra no "mundo da fantasia e da imaginação" de um conto de fadas, ela elabora hipóteses para a resolução de seus problemas e toma atitudes do adulto indo além daquelas de sua experiência cotidiana, buscando alternativas para transformar a realidade. No faz de conta, seus desejos podem facilmente ser realizados e quantas vezes a criança desejar, criando e recriando situações que ajudam a satisfazer alguma necessidade presente em seu interior. Os contos de fadas atuam no emocional e imaginário da criança, e sua contribuição está em auxiliá-la a tomar decisões para sua independência, em acomodar os seus sentimentos e lhe dar esperanças de que seus esforços poderão lhe conduzir a um final feliz. No conto, o símbolo pode ser um personagem, que irá enriquecer a identidade da criança, porque ela irá experimentar outras formas, de ser e de pensar, possibilitando a ampliação de suas concepções sobre o meio, pois no faz de conta, a criança desempenha vários papéis sociais. Os contos também conseguem deixar fluir o imaginário e levar a criança a ter curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história. Os contos cumprem a função de expor pela criança as suas fantasias, já que elas provocam medo, desejos e perigos. Assim, se não falar dessas fantasias ninguém saberá e não poderão realizar-se. Com os contos, as fantasias são expostas pela boca dos personagens. Parte importante na vida da criança desde a menor idade, a literatura constitui alimento precioso para sua alma. É conhecendo a criança e o mistério delicioso do seu mundo que podemos avaliar todo o valor da literatura em sua formação. A criança tem um mundo próprio, todo seu, povoado de sonhos e fantasias. Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa. O primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa conta-lhe os mais diversos tipos de histórias. A preferida, nesta fase, é a história da sua vida. A criança adora ouvir como foi que ela nasceu, ou fatos que aconteceram com ela ou com pessoas da sua família. À medida que cresce, já é capaz de escolher a histó-

ria que quer ouvir, ou a parte da história que mais lhe agrada. É nesta fase, que as histórias vão tornando-se aos poucos mais extensas, mais detalhadas. A narrativa faz parte da vida da criança desde quando bebê, através da voz amada, dos acalantos e das canções de ninar, que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda, a narrativas curtas sobre crianças, animais ou natureza. As crianças bem pequenas, já demonstram seu interesse pelas histórias, batendo palmas, sorrindo, sentindo medo ou imitando algum personagem. Neste sentido, é fundamental para a formação da criança que ela ouça muitas histórias desde a menor idade. A criança passa a interagir com as histórias, acrescenta detalhes, personagens ou lembra de fatos que passaram despercebidos pelo contador. Essas histórias reais são fundamentais para que a criança estabeleça a sua identidade, compreenda melhor as relações familiares. Outro fato relevante é o vínculo afetivo que se estabelece entre o contador das histórias e a criança. Contar e ouvir uma história aconchegada a quem se ama é compartilhar uma experiência gostosa, na descoberta do mundo das histórias e dos livros. O contato da criança com o livro pode acontecer muito antes do que os adultos imaginam. Muitos pais acreditam que a criança que não sabe ler não se interessa por livros, portanto não precisa ter contato com eles. O que se percebe é bem ao contrário, a criança percebe desde muito cedo, aprende que livro é uma coisa boa, que dá prazer. As crianças bem pequenas interessam-se pelas cores, formas e figuras que os livros possuem e que mais tarde, darão significados a elas, identificando-as e nomeando-as. Ao ter contato com livros, seja com pequenas gravuras e textos simples, a criança pode criar seu próprio mundo com sonhos e fantasias, oportunizando o conhecimento de si mesma e do ambiente que a cerca. Quando os professores e principalmente os pais lêem histórias ou inventam colocando as crianças como personagens, despertam nas mesmas novas ideias e conhecimentos. É importante que o livro seja tocado pela criança, folheado, de forma que ela tenha um contato mais íntimo com o objeto do seu interesse. A partir daí, ela começa a gostar dos livros, percebe que eles fazem parte de um mundo fascinante, onde a fantasia apresenta-se por meio de palavras e desenhos. A história é contada visando deleitar a criança; infundir o amor à beleza; desenvolver sua imaginação; desenvolver o poder da observação; ampliar as experiências; desenvolver o gosto artístico e estabelecer uma ligação interna entre o mundo da fantasia e o da realidade. Sendo assim fica evidente a importância de ouvir (contar) histórias para as crianças desde cedo, pois eleva o seu potencial cognitivo a desenvolver mais rápido para a leitura e escrita.

A arte de contar histórias vem se expandindo cada vez mais, em virtude da necessidade do mundo contemporâneo de promover momentos lúdicos, de prazer, de aprendizado e de captação de sensações e sentimentos. A contação de histórias provoca na criança prazer, amor à beleza, imaginação, poder de observação, amplia as experiências, gosto pelo artístico, a estabelecer ligação entre fantasia e realidade. As histórias enriquecem a experiência, a capacidade de dar sequência lógica aos fatos, sentido da ordem, esclarecimento do pensamento, a atenção, gosto literário, ampliação do vocabulário, o estímulo e interesse pela leitura, a linguagem oral e escrita. A contação de histórias, conduzida em um ambiente agradável, é uma das grandes oportunidades de desenvolvimento da imaginação infantil. É uma das atividades mais antigas do ser humano, servindo inicialmente para contar fatos recentes ou episódios passados, formando agrupamentos fortalecidos e comunidades com identidade e origem. Estes são momentos nos quais abrem-se oportunidades importantes para a construção de uma identidade social e cultural que será apresentada a criança. Por meio delas podemos enriquecer as experiências infantis, desenvolvendo a linguagem, ampliando vocabulário, formando o caráter, a confiança no bem e proporcionando a ela viver o imaginário. A informação hoje está bastante difundida, pelos mais diversos meios de comunicação, processo facilitado pela tecnologia que apesar de ser atualmente insubstituível em nossas vidas, deve ser usufruída com cautela, evitando-se assim o individualismo, já que tais mídias não necessitam do envolvimento com o próximo, reduzindo em muito os diálogos familiares. A narrativa chega cedo à vida da criança, já em seus primeiros dias de vida através do padrão musical regular das cantigas, seguindo com as músicas infantis, canções da infância e juventude dos pais, associando-se também com as conversas do adulto ao bebê, contando fatos e familiarizando-o com os ritmos do relato e com o que significam. Além disso, as histórias estimulam o desenvolvimento de funções cognitivas importantes para o pensamento, tais como a comparação (entre figuras e textos), o pensamento hipotético, o raciocínio lógico, pensamentos convergentes e divergentes, as relações espaciais e temporais (toda história tem início, meio e fim). A história tem também a função social, e a contextualização do indivíduo no seu tempo e ambiente, com os valores do seu agrupamento, tendo como base a evolução dos espaços, indivíduos e da sociedade. A criança que ouve histórias, comprovadamente se tornará um adulto mais criativo, flexível e melhor preparado emocionalmente, despertando processos internos de compreensão e adaptação. Além disso, quem lê para uma criança não lhe transmite apenas o conteúdo da história, promovendo seu encontro com a leitura, possibilita-lhe adquirir um modelo de leitor e desenvolve nela o prazer de ler e o sentido de valor pelo livro. Pesquisas fundamentam a ideia de que nunca é cedo demais para começar a contar histórias para as crianças. O material escrito nos dias de hoje é imenso e cabe ao adulto supervisionar o conteúdo no qual as crianças têm aces-

so, levando em consideração crenças, valores e ensinamentos a serem transmitidos. Dentro dos vários tipos de histórias, os contos infantis sempre agradaram e instigaram as crianças, fazendo-os imaginar os personagens, fazendoos aprender a lidar com as relações sociais e buscando repassar valores de convivência em sociedade. A fantasia e a magia de uma história encantam e despertam as imaginações da criança e, com isso, criam condições favoráveis para o desenvolvimento de uma mente criativa e inventiva. Escutar histórias é o início para tornar-se um leitor, um inventor, um criador. A contação de histórias não é uma prática nova. Ela é muito antiga, e está presente na sociedade desde os primórdios dos tempos, utilizada com a principal função de repassar para as outras gerações determinados costumes e crenças, ou seja, conhecimentos e valores construídos pelos seres humanos, nas diferentes culturas. Sabemos que atualmente o ato de contar e ouvir histórias não se restringe apenas ao cotidiano familiar. Está presente nas instituições de educação. Porém, o fato de existir não significa que é utilizada visando o processo de ensino e aprendizagem. Dicas sobre como contar histórias:

• Escolha leituras que tenham ligação direta com a criança;

• A história a ser contada e apresentada deve estar bem memorizada;

• Destaque e sublinhe os tópicos mais importantes;

• Procure vivenciar a história, envolva-se com ela;

• Fale com naturalidade e destaque com gestos e variações de voz;

• Ofereça espaço aos ouvintes que querem interferir na história e participar dela;

• Transpareça a alegria e o prazer que elas provocam;

• Incentive a criança diariamente;

• Enriqueça a narração com ruídos, movimente o corpo;

• Crie a "hora da história";

• Estimule a criança a recontar a história que ouviu da sua própria maneira;

• Sente-se no nível da criança;

• Explique (quando necessário) o significado de novas palavras;

• Preserve a atenção da criança;

• Cuide do local no qual a história será contada.

Contar histórias para crianças é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, é suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar ideias para solucionar questões. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos. E ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes como a tristeza, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais. Uma história deve ser contada emocionalmente e não simplesmente apresentada em seu enredo. Uma boa história é uma obra aberta, que permite muitas leituras, muitos caminhos, muitas saídas. Contar uma história é fazer a criança sentir-se identificada com os personagens. É trazer todo o enredo à presença do ouvinte e fazer com que ele se incorpore à trama da história, como parte dela. As crianças agem, pensam, sentem, sofrem, alegram-se como se fossem elas próprias os personagens. A história assim vivida pode provocar-lhes sentimentos novos e aperfeiçoar outros. Por isso as histórias não devem ser deprimentes. O final deve ser feliz, para transmitir aos ouvintes uma emoção sadia. O principal na arte de contar histórias é saber despertar a emoção.

Abramovich (2003, p.18) destaca que:

> Contar histórias é uma arte [...] e tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro [...] ela é o uso simples e harmônico da voz.

Quando as crianças nos pedem que lhes contemos histórias é porque sentem necessidade de sair de si mesma, de experimentarem uma nova sensação. Para se contar bem uma história é preciso possuir habilidade, treino e conhecimento técnico do trabalho, pois os valores artísticos, linguístico e educativos dependem da arte do narrador. As histórias são expressões de uma mesma personalidade em evolução, do princípio do prazer da realidade. Podem mostrar à criança que a transformação, a mudança e o desenvolvimento são possíveis. Que o prazer não é proibido. A dramatização é uma das melhores atividades de enriquecimento, pois além de ser uma das preferidas pelas crianças, oferece valores imprescindíveis ao desenvolvimento de um bom programa de literatura. O objetivo da hora das histórias é a familiarização com a literatura. Desde muito cedo, a criança gosta de ouvir a história da sua vida, a mais importante para ela. À medida que cresce, começa a solicitar determinadas passagens que deseja ouvir. Histórias sobre fatos são importantes, porque ajudam a criança a entender sua origem e que tipo de relações existe entre ela, as pessoas e os lugares. Da mesma forma, as histórias inventadas são importantes. Desde cedo a criança precisa saber de coisas que não fazem parte de sua experiência cotidiana. É comum ela ter um amigo imaginário ou atribuir qualidades humanas e sobrenaturais a um brinquedo ou a um animal. As histórias lidas somam-se então às inventadas, passando a fazer parte de um mundo onde a realidade e a imaginação se completam. Os livros aumentam o prazer de imaginar coisas. A partir de

histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência de vida real. A hora de gostar de um livro juntos é a hora de partilhar: um livro de histórias curtas, contadas com palavras fáceis de ler e entender, ilustrado com imagens que falam da história, das personagens e ações que estão sendo; lidas e mostradas, que faça pensar em coisas novas, que informe, que faça rir de verdade, que seja engraçado, que faça brincar com as mãos, olhos e ouvidos. O importante é que nessa hora não haja pressa, contando ou lendo tudo de uma só vez. É preciso respeitar as pausas, perguntas e comentários naturais que a história possa despertar, tanto em quem lê quanto em quem ouve. É conhecendo a criança e o mistério delicioso do seu mundo que podemos avaliar todo o valor da literatura em sua formação. As crianças têm um mundo próprio, todo seu, povoado de sonhos e fantasias. A história é contada visando:

• deleitar a criança;

• infundir o amor à beleza;

• desenvolver sua imaginação;

• desenvolver o poder da observação;

• ampliar as experiências;

• desenvolver o gosto artístico;

• estabelecer uma ligação interna entre o mundo da fantasia e o da realidade;

Contar histórias é uma arte. Deve dar prazer a quem conta e ao ouvinte. As histórias têm finalidade em si. Contadas ou lidas constituem sempre uma fonte de alegria e encantamento. Por isso as atividades de enriquecimento devem ser leves e espontâneas.

Como afirma Góes (1997, p. 18):

Privilegiar atividades com histórias e materiais literários tem, por certo, repercussões positivas para a criança. Pesquisas têm indicado que, na infância, as experiências com narrativas, em vários contextos, são instâncias de refinamento da cognição

A educação é uma questão primordial no desenvolvimento humano, pois é o meio pelo qual é garantido às outras gerações aquilo que um determinado aprendeu.

Diante dos vários problemas da sociedade contemporânea, a educação enfrenta vários desafios num mundo cada vez mais plural, diversos e cheio de contradições, tendo que lidar com o diferente na busca da equidade educativa e social. A educação infantil primeira fase da educação básica, durante muito tempo foi vista sob a ótica assistencialista, e só recentemente a função pedagógica vem sobressaindo aos poucos. No entanto, o desafio enfrentado diante dessa questão é justamente a superação entre o cuidar e o educar. Educação infantil é, portanto, compreendida como a fase do 0 aos 6 anos, tempo que as primeiras experiências são vivenciadas e os estímulos que são postos maior influência sobre o desenvolvimento da criança. As atividades com a literatura infantil fazem parte de um programa curricular. As histórias não são contadas por contar, são vinculadas a uma atividade pedagógica e apresentadas às crianças geralmente escritas, desprezando assim a narração oral. O professor é o responsável muitas vezes na escolha de livros e histórias para os alunos, portanto ele precisa ter critérios e condições para selecioná-los, primeiramente é necessário que ele tenha critérios para si mesmo. Ainda assim, para as professoras, segundo a análise feita, as histórias da infância, rodeadas de emoção são as mais significativas para as crianças. Com relação aos contos de fadas, as professoras reconhecem que essas narrativas prendem a atenção das crianças e que elas se identificam com os heróis, realizam sonhos impossíveis, como tornar uma princesa ou casar-se com um príncipe. Essas histórias são diferentes porque têm magia e fantasia. Ao ouvi-las as crianças aguçam a imaginação e criatividade. Porém, ainda assim, o professor se sente incomodado quando perde o seu papel de educador. Viver a fantasia não corresponde à prática pedagógica, tira o aluno da realidade, é o mesmo que mentir e o professor coloca-se como a verdade na sala de aula, desconhecendo o interior da criança.

O professor deve estimular as crianças para construir uma relação afetiva com a literatura infantil, aprendendo o valor intelectual que cada obra tem. Favorecer o gosto pelas histórias, textos, poesias, entre outras obras literárias, implica a determinação do professor em promover momentos apropriados ao ato de contar e de ler histórias, entretanto, as professoras entrevistadas na pesquisa de Carvalho (2003) relatam que atualmente os pais não são presentes e a televisão ocupou um lugar importante em suas vidas, por isso as crianças estão ficando prejudicadas, havendo problemas de disciplina e comportamento. Falta limite a essas crianças, controle, regras e modelos. A natureza da criança é pouco aceita dentro do contexto escolar, sua emoção, agressividade e sua necessidade de passar a maior parte do tempo brincando ou sonhando são vistos como um obstáculo. A imaginação e a criatividade tornam-se anormais e o fracasso acaba sendo responsabilidade da criança, de sua consciência familiar, sociocultural e do educador, que é incapaz de exercer suas funções. As histórias, transformadas em atividade escolar, perdem muitas vezes, suas funções lúdica e estética e impedem que as emoções sejam vivenciadas A verdadeira educação pode respeitar e aproveitar a natureza infantil, integrando a fantasia e a emoção em seu processo de desenvolvimento e conhecimento para ingressar em um mundo social e cultural.

O importante é que o professor no exercício da docência, em sendo um leitor, aprecie as peculiaridades das linguagens e, assim, passe essa paixão no processo de for-

mação de leitores. É imprescindível que estas, efetivamente, consigam não somente distinguir a natureza das linguagens, mas também desenvolver o gosto pelo literário, pelo uso estético da linguagem, pelos efeitos estéticos da linguagem, pelos efeitos que ela produz na construção e no enriquecimento da interioridade de cada leitor (ROSING, 2009, p. 134).

O primeiro passo consiste em escolher o que contar. Muitas vezes é necessário adaptar verbalmente a história escrita para facilitar a compreensão, considerando o estilo e o gosto pessoal do narrador. É imprescindível que o interesse do ouvinte, sua faixa etária, condições socioeconômicas sejam levadas em conta padrões, mas variar de acordo com o conteúdo da história a ser contada ou apresentada. Sisto (1992, p. 43) destaca que é preciso preparar para tal momento.

Aprender uma história para contar é como construir um filme. Temos que visualizar mentalmente cada coisa que vai sendo contada. Sermos capazes de recontá-la de memória sem que tenha sido preciso decorá-la. Selecionamos os gestos e as vozes que serão utilizados como continuadores da palavra, [...]. A palavra, por sua própria força, demanda gestos e expressões que surgem de forma orgânica, como continuidade, nunca como ruptura. [...] Um contador de histórias é também uma gente de sua língua. Por isso a correção, a clareza, a eliminação de vícios de linguagem e a preservação da literalidade do texto, mesmo numa fala cotidiana, devem fazer parte de suas preocupações.

Para tornar a narrativa, mas atraente, é interessante valer-se de diversos recursos auxiliam na contação, uma vez que os personagens se tornam de certa forma, reais, chamando a atenção das crianças e estimulando sua imaginação. Mas é necessário que o contador de histórias observe as principais características do público para qual ele irá contar a história, facilitando assim a escolha da mesma e dos recursos a serem utilizados. Vejamos alguns desse recursos.

• Simples narrativa: É uma das mais fascinantes de todas as formas de contar histórias, antiga, tradicional e uma autêntica expressão do contador de histórias. Processa-se apenas por meio da voz do contador e de sua postura, não requerendo acessórios, pois, com as mãos livres, sua força se concentra na expressão corporal.

• O próprio livro: O professor poderá fazer uso do livro para mostrar imagens, chamar a atenção de algum detalhe da história, ler uma frase, até mesmo levantar hipóteses sobre o que irá acontecer. Porém, convém lembrar que se for um livro de pouco texto e de ilustrações abundantes, o professor deve narrar quase textualmente, com certas alterações na linguagem, indo desde variações de entonação até impostações típicas de determinados personagens, com o intuito de melhor caracterizá-los e, assim, envolver as crianças.

• Com gravuras: Alguns livros de formato pequeno, de ilustrações que antecipam acontecimentos ou não se correspondem com o texto, histórias em revistas ao lado de outras matérias e anúncios diversos inviabilizam a utilização do livro como recurso ilustrativo. Dessa forma aconselha-se que as gravuras sejam reproduzidas e ampliadas em papel resistente, visíveis para o grupo de ouvintes e, no caso de revistas, as cenas poderão ser recortadas e montadas em quadrados ou retângulos de cartolina, duplo, complementando-se se necessário para obter um visual mais bonito, considerando sempre os elementos essenciais da história.

• Flanelógrafo: o velho flanelógrafo (quadro revestido de flanela ou feltro de cor lisa, sobre o qual se fazem aderir objetos ou figuras, fixadas ou removidas segundo as necessidades do ensino) pode ser uma boa opção para ilustrar uma história com vários assuntos e vários simbolismos.

• Imantógrafo: É um recurso de apresentação progressiva. No verso das figuras devem ser fixados pequenos ímãs para serem colocados em uma placa de zinco ou latão no decorrer da contação de história.

• Quadro de pregas: O quadro de pregas é confeccionado em papel grosso ou cartolina. Suas pregas deverão ter aproximadamente 5 a 7 centímetros; as gravuras poderão ser as mesmas feitas para o flanelógrafo, apenas acrescentando na base 5 a 7 centímetros de cartolina, para que se encaixe nas pregas do quadro.

• Álbum seriado: As imagens da história devem ser pintadas ou desenhadas em folhas de papel; quanto maior as ilustrações, melhor será a visibilidade da criança. O ideal para crianças pequenas é o uso do papel do tamanho de uma folha de cartolina. Os cartazes devem ser presos formando um bloco e a parte superior deve ser reforçada com uma fita forte; nessa fita, deve-se fazer alguns orifícios para unir os cartazes com anéis, cordão ou madeira. O álbum seriado é um recurso que as crianças gostam muito, pois o professor pode criar uma situação de suspense, expectativa e envolvimento.

• um seriado, mas, ao invés de virar as folhas para trás, as partes são desdobradas. É feito com papel cartão e dobrado em forma de sanfona; suas partes são ligadas com fita adesiva, ou fita de tecido.

• Transparência: Conforme a história é contada, as figuras desenhadas na transparência devem ser projetadas no retroprojetor). Transparências, preferencialmente confeccionadas pelas crianças, podem ser outro recurso que desperta interesse e ajuda a fixar a história;

• Mural didático: Sua base poderá ser

feita em cartolina, ou outro material semelhante. É importante que esteja colocado em uma altura de fácil visualização para o público. A história pode ser montada e as gravuras serem cobertas e, aos poucos, no decorrer da história, o professor vai revelando-as, de acordo com a sequência da história. Este recurso pode ser usado pela criança para contar a sua história. A classe também pode organizar um mural a partir de um texto lido, da continuação de uma história trabalhada em sala de aula, ou uma criação de uma história a partir de um texto lido.

• Cinema: Antigo e simples, este é um recurso que desperta o interesse e a curiosidade de todos, pois a história aparece em pequenos pedaços. É importante que os desenhos sejam sequenciados, como outros recursos de apresentação progressiva aqui propostos.

• Apresentação de Slide (power point): Este é um recurso de grande interesse do aluno, pois existem vários textos acompanhados de imagens. Deve ser planejado como todos os outros. As imagens poderão ser projetadas como estímulo, antes, durante, ou no fim da leitura do texto.

• Teatro de sombras: Recurso simples e interessante: uma cortina transparente e esticada na frente do público e uma luz, que deve ser acesa atrás da cortina, de forma que os personagens sejam projetados nela.

• Teatro de Varas: Neste recurso, os personagens são feitos em cartolina e fixados em uma vareta; um biombo em papelão poderá ser montado pelos alunos e por trás dele, a peça é representada com os movimentos da vara, de acordo com a sequência da história.

• Máscaras: São fáceis de fazer, baratas e substituem, tranquilamente, figurinos; um excelente recurso, que pode ser confeccionado com papel, sacos de papel ou tecido.

• Cartazes e quadros: A história lida poderá ser representada com desenhos dos alunos, em forma de álbum seriado, em forma de cartazes, ou em forma de quadros, que poderão ser colocados na parede à medida que a história for contada. O professor poderá sugerir aos alunos que tragam palavras, letras e imagens recortadas relacionados à história e, a partir dos recortes, a criança poderá formar frases relacionadas com a história ou até mesmo montar uma história diferente.

• Dobraduras: O professor deve contar uma história que apresente condições para representação em dobraduras, tais como peixe, barco, sapo, cão, gato, chapéu, flores etc. Assim, cada aluno poderá escolher uma história, falar o porquê de tê-la escolhido, fazer a dobradura, que poderá ser colada em uma folha de papel sulfite, e completar o cenário de sua história.

• História sequenciada: Este é um excelente recurso para ajudar a criança a expressar-se oralmente, como também organizar seu pensamento, assim o professor poderá contar a história em sequência e posteriormente o aluno terá a oportunidade de montar sua própria sequência.

• Avental: O avental poderá ser usado como cenário da história. Ele ser feito de feltro para que as figuras, coladas velcro no verso, sejam fixadas. Os personagens também poderão ser colocados no bolso do avental e serem retirados no transcorrer da história.

Os contos que a caixas contam: Este é mais um recurso ao qual o professor poderá recorrer para contar histórias. As caixas podem ser grandes ou pequenas, quadradas ou redondas; os personagens poderão ser colocados dentro da caixa e, conforme o professor narra a história, ele é retirado da caixa, trazendo encantamento, suspense e diversão para os ouvintes.

• Massa de modelar: pode ser usada pelas crianças para confeccionar figuras da história que acabaram de ouvir, com isso recapitulam e fixam a história.

• Materiais colhidos da natureza: materiais colhidos na natureza e trazidos pelas crianças para ilustrar certos contos de fadas, por exemplo, prendem a atenção e valorizam a sua participação.

• Mudança de ambiente: levar as crianças ao museu, a um cemitério com antigas sepulturas e convidar uma pessoa idosa para falar do passado. Nesse sentido se oferecem muitas possibilidades que devem ser exploradas.

Além dos recursos materiais, os gestos, as vozes e as roupas também são grandes aliados na contação de histórias, enriquecidos de modo significativo a narrativas. Sempre que possível é importante que o professor relacione a história com diversos assuntos, propiciando, além do desenvolvimento inteléctual, cognitivo e afetivo, situações que favoreçam o letramento.

O professor deve usar de várias táticas para desenvolver nos seus alunos o hábito de escutar história e futuramente serem leitores que compreendam e interprete o que está lendo dessa forma serão leitores conscientes que a leitura surgia do ouvir e ouvir com estimulo e assim serão agentes que repassarão o que foi desenvolvido durante o período da educação infanti.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento infantil se dá num processo criado pela própria criança a partir das interações que vivencia, sendo assim, a literatura infantil em especial a contação de histórias na educação, como atividade interativa e pedagógica mediada pelo educador contribui para este desenvolvimento. Além disso, a